



---

**ENXERTIA INTERESPECÍFICA DE CULTIVARES DE AMEIXEIRA EM REGIÃO****TROPICAL**

GUILHERME LOCATELLI<sup>1</sup>; ROBERTO TADASHI SAKAZAKI<sup>1</sup>; EDVAN ALVES CHAGAS<sup>2</sup>;  
MARCELA LIEGE DA SILVA<sup>3</sup>; DANVERSON BENTES CHAVES<sup>1</sup>; RAFAEL PIO<sup>4</sup>

**INTRODUÇÃO**

A ameixeira pertence à família *Rosáceas*, uma das maiores famílias de dicotiledôneas, bastante conhecida pela importância econômica de muitos dos seus representantes que produzem frutos de clima temperado (JOLY, 1993).

A espécie *Prunus domestica* (L), conhecida como ameixa européia é originária do Cáucaso, da Turquia e da Pérsia (CASTRO; CAMPOS, 2003), já a *Prunus salicina* Lindl, vulgarmente conhecida como ameixa japonesa, ao contrário do que seu nome indica é originária da China, e há mais de 400 anos foi levada para o Japão, onde foi cultivada pela primeira vez com fins alimentares (GRUMBERG, 1944). Neste grupo incluem-se as principais cultivares utilizadas nas regiões de inverno ameno, a exemplo das cultivares Reubennel, Kelsey 31, Roxa de Itaquera, Gema de Ouro e Centenária entre outras.

Segundo Chalfun et al. (2006), nos últimos anos, a produção nacional tem crescido a taxas superiores a 20%, e existem boas perspectivas de mercado interno para a ameixa.

A qualidade da muda é, sem dúvida, um dos principais fatores a ser observado na implantação adequada de um pomar. Para a avaliação da qualidade das mudas de fruteiras, alguns aspectos devem ser observados, como: identificação do porta-enxerto e da cultivar-copa, compatibilidade comprovada, resistência ou tolerância do porta-enxerto às principais espécies de fitonematóides, quantidade e distribuição adequadas de raízes, dentre outros (MAYER et al., 2005).

---

Apoio financeiro da CAPES e CNPq

<sup>1</sup> Graduando do curso de agronomia, Universidade Federal de Roraima-UFRR, e-mail: guilherme\_locatelli@hotmail.com

<sup>1</sup> Graduando do curso de agronomia, Universidade Federal de Roraima-UFRR, e-mail: danverson@hotmail.com

<sup>1</sup> Graduando do curso de agronomia, Universidade Federal de Roraima-UFRR, e-mail: sakazakitadashi@gmail.com

<sup>2</sup> Eng. Agr., Pesquisador da Embrapa-RR, Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq, e-mail: edvan.chagas@embrapa.br

<sup>3</sup> Eng. Agr., doutoranda UFRR-RR. Email: marcelaliego@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Eng. Agr., Prof. da UFLA-MG, Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq, e-mail: rafaelpio@hotmail.com

O presente trabalho teve como objetivo avaliar o desenvolvimento inicial da enxertia interespecífica de ameixeira em condições de viveiro, em Boa Vista - RR.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

O trabalho foi realizado no Setor de Fruticultura da Embrapa Roraima, localizado no município de Boa Vista-RR, condição de cerrado, com um total de precipitação de aproximadamente 1.200mm. No período seco (outubro a março) a precipitação é de 300 mm, perfazendo um total anual de 1.500mm, caracterizando o tipo climático Awi. O solo é do tipo Latossolo amarelo e vermelho-amarelo de textura média e baixa fertilidade natural.

O material propagativo foi obtido da Coleção de Trabalho, Setor de Fruticultura da Universidade Federal de Lavras, Lavras-MG. As sementes para formação de porta-enxertos foram obtidas em novembro de 2010 e os enxertos (borbulhas) em junho de 2011.

As sementes de porta-enxerto de pessegueiro (cv. 'Okinawa'), foram obtidas de frutos maduros e submetidas à estratificação à frio por 30 dias.

Para a estratificação das sementes de 'Okinawa', bandejas de alumínio foram forradas com algodão umedecido e, em seguida, as sementes foram colocadas sob o algodão e toda a bandeja foi coberta e vedada com filme de polietileno para manter a umidade elevada e acondicionada em geladeira à 5°C.

Para enxertia da ameixeira, foi realizada a enxertia tipo borbulha, das cultivares Gema de Ouro, GulfBlaze, Centenária, Reubennel, Roxa de Itaquera e Kelsey 31, em porta-enxertos de pessegueiro cv. Okinawa, de 7 meses de idade, no período de intenso crescimento, coincidindo com a época da poda de inverno, no Sul de Minas Gerais. O delineamento utilizado foi o inteiramente casualizado, utilizando-se 6 cultivares, com quatro repetições e cinco enxertos por parcela. Após a realização da enxertia, foram coletadas porcentagem de pegamento, brotação, comprimento e diâmetro de enxertos aos 60 dias.

Os dados obtidos foram submetidos à análise de variância, sendo os dados qualitativos comparados pelo teste de Turkey, ao nível de 5% de probabilidade e os quantitativos, submetidas à regressão. As análises foram realizadas pelo programa computacional SISVAR<sup>®</sup> (FERREIRA, 2005).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

De acordo com a análise estatística (Tabela 1) houve diferença significativa para as características de porcentagem de pegamento, número de brotação e comprimento, diâmetro de enxertos de cultivares de ameixeiras em porta-enxerto de pessegueiro em viveiro.

As maiores porcentagens de pegamento e de brotação de enxertos foram verificadas para as cultivares Roxa de Itaquera (97,5%) e (100%) e Centenária (85%) e (85%), porém esta última não ocorreu diferença significativa em relação a cultivar Reubennel (65%). As menores porcentagens de pegamento foram observadas para ‘Gema de Ouro’ (25%) e ‘GulfBlaze’ (30%).

**Tabela 1** - Porcentagem de pegamento, brotação, comprimento e diâmetro de enxertos de cultivares-copa de ameixeira, enxertados em porta-enxerto ‘Okinawa’, pelo método de borbulhia.

<b>Cultivar</b>	<b>Pegamento (%)</b>	<b>Brotação (%)</b>	<b>Comprimento (cm)</b>	<b>Diâmetro (mm)</b>
Gema de Ouro	25 e	25 e	27,81 a	2,00 ab
GulfBlaze	30 ed	30 ed	24,20 b	1,32 b
Kelsey 31	55 cd	55 cd	29,20 a	1,96 ab
Reubennel	65 bc	65 bc	32,36 a	2,27 a
Centenária	85 ab	85 ab	19,68 c	1,65 ab
Roxa de Itaquera	97,5 a	100 a	30,03 a	2,15 a
<b>C.V.</b>	<b>20,23</b>	<b>20,07</b>	<b>25,8</b>	<b>13,5</b>

\*Médias seguidas pela mesma letra na vertical não diferem significativamente entre si pelo teste de Tukey à 5% de probabilidade.

Na fruticultura, embora o uso de plantas obtidas por enxertia seja uma prática comum, deve-se ressaltar a dificuldade relacionada à falta de compatibilidade entre enxerto e porta-enxerto, principalmente quando se trata de enxertia intergenérica (FACHINELLO et al., 1999). Pio et al. (2010), ainda ressaltam que a incompatibilidade entre tecidos é aumentada em função do grau de parentesco entre as espécies. No presente trabalho, constatou-se que o sucesso no pegamento é reflexo da compatibilidade entre as espécies e cultivares utilizada, embora o enxerto tivesse sido obtido de plantas em período hibernar, os porta-enxertos estavam em fase de pleno crescimento em função da condição tropical da região de Boa Vista-RR.

Em relação ao comprimento de brotação aos 60 dias após a enxertia, o maior valor foi observado para as cultivares Reubennel (32,36 cm), Roxa de Itaquera (30,03 cm), Kelsey 31 (29,20 cm) e Gema de Ouro (27,81 cm), as quais não diferiram entre si. A cultivar Centenária foi a menos vigorosa, apresentando valor médio de 19,68 cm de brotações.

Quanto ao diâmetro do enxerto (Tabela 1), as cultivares Reubennel, Roxa de Itaquera, Gema de Ouro e Centenária foram as que apresentaram os maiores diâmetros, porém não apresentaram diferenças estatísticas significativas. Os diâmetros alcançaram uma espessura de 2,27 a 1,32 mm, verifica-se que ocorre um crescimento semelhante para os diâmetros das cultivares utilizadas.

## CONCLUSÕES

A enxertia interespecífica de *Prunus* sp. mostrou-se viável nas condições de Boa Vista-RR. As cultivares de ameixeira Roxa de Itaquera, Centenária e Reubennel apresentaram comportamento satisfatório quanto à formação e desenvolvimento inicial de mudas em condições de viveiro.

## REFERÊNCIAS

- CASTRO, L.A.S.; CAMPOS, A.D. Introdução. In: CASTRO, L.A.S. **Ameixa**: produção: Brasília: Embrapa Clima Temperado, 2003. p. 1-12. (Frutas do Brasil).
- CHALFUN, N.N.J.; SOUZA, H.A.; REIS, J.M.R.; RAMOS, J.D.; CHAGAS, E.A.; PIO, R.A **Cultura da ameixeira**. Lavras : UFLA, 2006, v. 1, p. 27.
- FACHINELLO, J.C.; MUSACCHI, S.; ZUCCHERELLI, S.; SANSAVINI, S. Efeito da interação porta-enxerto copa no padrão isoenzimático de plantas de pereira. **Revista Brasileira de Fruticultura**, Jaboticabal, v.21, n.3, p.288-296, 1999.
- FERREIRA, D. F. **SISVAR** versão 4.3 (Build 45). Lavras: DEX/UFLA, 2005.
- GRUMBERG, I.P. **Variedades de durazneros y ciruelos que se cultivan en el país**. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 1944. 453 p.
- JOLY, A.B. **Botânica**: Introdução à taxonomia vegetal. 11. ed. São Paulo: Nacional, 1993. 777 p.
- MAYER, N.A.; PEREIRA, F.M.; BARBOSA, J.C. Pegamento e crescimento inicial de enxertos do pessegueiro ‘Aurora-1’ em clones de umezeiro (*Prunus mume* Sieb. et Zucc.) e ‘Okinawa’ [*Prunus persica* (L.) Batsch] propagados por estacas herbáceas. **Revista Brasileira de Fruticultura**, Jaboticabal, v. 27, n. 1, p. 102-106, 2005.
- PIO, R.; CHAGAS, E.A.; BARBOSA, W.; SIGNORINI, G.; FELDBERG, N.P. Enxertia intergenérica de cultivares de nespereira no porta-enxerto de marmeleiro ‘Japonês’. **Ciência e Agrotecnologia**, v.34, p.1452-1457, 2010.